

Afetividade: a manifestação de sentimentos na educação

Affectivity: the manifestation of feelings in education

JUAN JOSÉ MOURIÑO MOSQUERA*

CLAUS DIETER STOBÄUS**



RESUMO – Sentimentos e afetividade na Educação são temas que deveriam ser mais investigados e debatidos no meio acadêmico. Docentes deveriam saber lidar melhor consigo mesmos e com os outros, conhecer melhor como se produzem e manifestam seus sentimentos e afetividade, para poder lidar melhor também com seus alunos, colegas e familiares do aluno. Nosso artigo leva em conta aspectos do desenvolvimento humano, da Psicologia, mormente da Psicologia Positiva, sobre aqueles fatores que impulsionam para um desenvolvimento humano, entendido como um todo e durante o ciclo vital, bem como elementos de saúde, mais que dos aspectos de doença ou dificuldades/ transtornos no desenvolvimento.

Descritores – Afetividade; sentimentos; afetividade e Educação.

ABSTRACT – Feelings and affectivity in Education are themes who may be more investigated and debated in the academy. Teachers may be more prepared to deal with themselves and others, know better about production of feelings and its manifestations and affectivity, leading to better relations also with their students, colleagues and parents of their students. The article deals with human development aspects, Psychology, and specially Positive Psychology, about factors who enhances human development, understood as a life span approach, including more elements of health, than diseases or difficulties in development.

Key-words – Afectivity; feelings; affectivity and education.



INTRODUÇÃO

Melzoff (1994 apud SERGIOGIOVANNI, 2004, p. 16-17), na obra sobre novos caminhos para a liderança escolar, refere uma situação muito interessante, quando uma professora de jardim de infância perguntou aos seus alunos, no primeiro dia de aula com um brilho nos olhos: sabem quantos professores temos na sala de aula?

* Prof. Livre Docente e Dr. em Psicologia da Educação, professor da PUCRS (FACEd e FALE).

** Dr. em Ciências Humanas - Educação, professor da PUCRS (Faculdade de Educação).

E-mail: stobaus@pucrs.br

Artigo recebido em: dezembro/2005. Aprovado em: março/2006.

Educação

A maioria dos alunos contou o número de adultos na sala. Um aluno supôs que seriam dois ou três.

Querem conhecer os professores todos, perguntou Elga. Estão prontos? Vão ter uma surpresa! Olhem para mim, vou apresentá-los.

Chamo-me Elga Brown (ela pôs a mão no ombro de uma criança sentada perto dela), este é o Steve. Ele é um dos nossos professores. Está é a Jean. Ela é professora. Aposto que a mãe da Jean também vai ser professora aqui. Elga continuou ao longo do círculo a apresentar toda a gente. Aqui somos todos professores. Quem é que acha que são alunos? Nós todos, gritou um rapaz excitado.

Neste texto, Sergiogiovanni (2004) se refere ao tema de como podemos perceber os sentimentos, pois está presente neste belo exemplo um clima de afetividade, em que se pode explorar os relacionamentos recíprocos entre o grupo de alunos e a professora, bem como incluindo os membros da comunidade, em especial a família.

Este início do nosso trabalho remete concretamente ao tema da afetividade e, em especial, aos sentimentos que são manifestados na Educação, como base de desenvolvimento humano para toda a vida.

A temática da afetividade é, nestes momentos, altamente relevante especialmente em se tratando de Educação Infantil e Ensino Fundamental, mas não deixa de ser também importante em qualquer nível de ensino e nas relações interpessoais, e também em uma visão social e comunitária, na Educação para a Saúde e na Educação Social.

As autoras espanholas Sastre e Moreno (2002, p. 22) referem que uma das crenças fortemente enraizadas em nossa cultura tem sido, durante muitos séculos, constituidoras de aspectos claramente distintos do ser humano: “aparentemente pensamos com o cérebro e amamos com o coração”. Por outro lado, é como encontrar a crença de que a razão tem sido considerada como aquilo que nos conduz a porto seguro da verdade, ou, ao menos, nos aproxima dele, enquanto que o universo das emoções se supõe impregnado de armadilhas que nos induzem facilmente ao erro.

Continuam as autoras nos lembrando como, na história da Filosofia e da Ciência, existia uma separação entre a afetividade e a ciência e de que estas idéias, claramente aceitas no passado, ainda continuam, atualmente, a existir subliminarmente.

A própria Psicologia estudou separadamente, durante muitas décadas, os processos cognitivos e afetivos, quando na realidade podemos dizer que são fenômenos que estão intimamente entrelaçados e que, no mínimo, tentar estudar um sem

Educação

o outro só nos leva a explicações parciais, nas quais aparecem inexplicáveis lacunas.

Sastre e Moreno (2002), referem que, se o século passado foi para a Psicologia o estudo separado da inteligência, o século XXI será, sem dúvida, o de seu estudo conjunto.

Isso conduzirá a mudanças muito importantes, não só no terreno da teoria, mas também no da aplicação, e que repercutirão na vida cotidiana.

Creemos que estas idéias são extremamente relevantes quando nos referimos ao processo educacional como um todo, mas, muito especialmente, à Educação Infantil. Nos apercebemos claramente que a afetividade é fundamental para vida humana e que representa um dos aspectos mais significativos na construção de seres humanos mais saudáveis e especialmente, mais capazes de tomar decisões sábias e inteligentes.

REVENDO ELEMENTOS SOBRE AFETIVIDADE

Nos últimos anos do século XX, surgiu uma série de trabalhos, procedentes do campo da Neurologia e da Neuropsicologia, que apresentou uma nova visão sobre a problemática dos sentimentos. Concordamos com estas afirmações das autoras espanholas e chamamos a atenção que, cada vez mais, no estudo do cérebro está presente a dinâmica, integradora entre inteligência e afetividade.

António Damásio (2004, p. 91) se dedica a estudar o papel das emoções e dos sentimentos no funcionamento cognitivo. Depois de estudar uma série de pacientes com lesões cerebrais localizadas na área pré-frontal, considerada fundamental para o raciocínio, encontrou em todos eles uma importante redução da atividade emocional, o que o levou à conclusão de que existe uma profunda interação entre a razão e as emoções. Para ele:

Os sentimentos, no sentido em que a palavra é usada aqui, emergem das mais variadas reações homeostáticas, não somente das reações que chamamos emoções no sentido restrito do termo. De um modo geral os sentimentos traduzem o estado da vida na linguagem do espírito.

Creemos que este esclarecimento combina muito bem com o estado da arte da afetividade e, por outro lado, o próprio Damásio (2004, p. 91) chega à seguinte definição, “um sentimento é uma percepção de um certo estado do corpo acompanhado pela percepção de pensamentos, com certos temas e pela percepção de um certo modo de pensar”.

Ainda acrescenta (p. 92- 93):

Educação

Todo esse conjunto perceptivo se refere à causa que lhe deu origem. Os sentimentos emergem quando a acumulação dos detalhes mapeados no cérebro atinge um determinado nível. A Filósofa Suzanne Langer captou a natureza desse momento de emergência dizendo que o sentimento começa quando a atividade do sistema nervoso atinge frequência crítica.

Com o que foi citado, podemos nos aperceber de que a influência dos sentimentos sobre o funcionamento cerebral é imensa, seguindo o proposto por Damásio, já que sua manifestação no cérebro constitui o marco de referência, no qual se elabora o pensamento. Podemos acrescentar, com Damásio, que os sentimentos têm a última palavra no que se refere à maneira como o resto do cérebro se ocupa de suas tarefas, em especial a cognição.

Estas idéias tão relevantes têm sido estudadas, nos últimos tempos, por inúmeros autores e aparecem citados os trabalhos de LeDoux (1999), e também um trabalho da educadora brasileira Maria Cândida Moraes (2003).

No campo da Psicologia, segundo Sastre e Moreno (2002), se tem produzido grande quantidade de trabalhos sobre as interações sobre afetividade e cognição. Obviamente, dizem as autoras, os trabalhos se iniciaram décadas atrás e ainda hoje muito relevantes e significativos.

Um destes trabalhos, citam, foi o curso que Jean Piaget ministrou na Sorbonne intitulado: as relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimentos mental da infância, do qual se conservam, ainda os textos. Para Sastre e Moreno (2002), Piaget considerava os sentimentos como um motor que impulsiona a ação, e esta visão não está distante das mais notáveis teorias sobre sentimentos e emoções que recentemente foram desenvolvidos na Psicologia.

Atualmente, é muito importante também mencionar uma nova linha da Psicologia, denominada Psicologia Positiva. O autor de uma obra nesta linha, José H. Barros de Oliveira (2004), nos chama a atenção de que, no passado, os psicólogos se interessavam muito mais pelo funcionamento negativo da personalidade ou pelas emoções negativas (depressão, desânimo, ansiedade, solidão, agressividade, ira, culpa e timidez), do que pelas emoções positivas (bem-estar, satisfação com a vida, felicidade, alegria, otimismo, esperança, sabedoria, amor, perdão). Refere também que se constata a tendência negativa dos temas psicológicos, tornando-se necessário inverter tal tendência, prestando maior atenção aos aspectos positivos do comportamento humano.

Nesse trabalho nos preocupamos em ver os sentimentos mais presentes nos depoimentos dos participantes, mas temos uma tendência a considerar a vida emocional, não restrita aos aspectos negativos, mas procurando a busca da saúde e da visão positiva do mundo.

Educação

Como refere Olivera (2004), o movimento da Psicologia Positiva já se encontrava em germe, sobretudo nos autores de psicologia mais humanistas, como Jung, James, Allport e Maslow. Oliveira refere ainda que Seligman, antigo presidente da Associação Americana de Psicologia, tentou focar e realçar o que há de bom na vida, de preferência ao que há de mau. Também considera que o livro de Goleman, sobre Inteligência Emocional, teve muita importância para a denominada Psicologia Positiva.

Isto nos leva a entender que os trabalhos feitos sobre afetividade e os sentimentos têm uma ampla repercussão e que a dialética sentimentos/cognição resulta muito oportuna e significativa.

Gostaríamos de salientar aqui que um dos que mais se preocupou em ressaltar esta tendência foi Howard Gardner (1998), em seu trabalho sobre as Inteligências Múltiplas, no qual ressalta a necessidade de falar da inteligência, não como uma função única, já que as pessoas desenvolvem funções diferentes, que ele denomina inteligência, entre as quais se encontra a visão da inteligência intra e interpessoal.

Isso nos leva a considerar que a nossa vida emocional é de grande importância e que a afetividade nos propõe uma viagem fantástica ao mundo das emoções e dos sentimentos, por isto podemos adiantar que os cenários vão desde a perspectiva cultural, com narrativas mitológicas, até o olhar científico, passando pelo fascínio da representação, teatro e cinema.

Neto e Azevedo (2003) trazem esta rica experiência de mostrar a alegria, o amor, a ira, o medo, a repulsa a surpresa, a tristeza e a vergonha, como formas de desenvolvimento e da expressividade humanas. Trata-se de uma obra extremamente interessante, que pode servir não só como leitura ilustrativa, mas como método de trabalho no desenvolvimento das emoções, sentimentos e afetividade.

Nossa preocupação sobre afetividade é antiga, provém concretamente desde nosso trabalho de doutorado, intitulado Tentativa de caracterização dos sentimentos dos professores nos diferentes graus de ensino (MOSQUERA, 1976). Decorridos trinta anos, nos apercebemos que esta manifestação está muito atual e que ainda condiz com as manifestações de autores que se têm preocupado, nestes últimos anos, com o estudo da afetividade e da cognição.

Assim, podemos dizer que a vida emocional e os sentimentos do ser humano - dor, ira, alegria, amor- despertaram, desde há muito tempo, um grande interesse entre os seres humanos. Isto é compreensível, porque são traços do comportamento humano em diferentes circunstâncias da sua vida, nas relações com o meio ambiente e com a natureza.

Educação

Independente da modernidade das idéias, desde as mais longínquas épocas temos no folclore, na literatura, nas obras de arte, nas doutrinas religiosas, nas opiniões de filósofos e moralistas as diversas manifestações da vida emocional. Em todas estas formas de conhecimento da vida de expressão humana se refletem mais típico e essencial da vida emocional dos homens em uma determinada sociedade.

Como já tínhamos dito, a referência histórica sobre afetividade é longa e, ao mesmo tempo, curta. Longa porque abrange desde a filosofia grega, passando por filósofos como Descartes, chegando à famosa obra de Espinosa intitulada *Ética*, publicada em 1677, em que o autor prestou uma grande atenção ao problema das paixões. Como já dissemos, a história do estudo da afeição é extremamente interessante, porém, até o século XX, aparece bem separada da cognição. Não podemos deixar de dizer que o sentimento aparece também nas obras de Freud como um elemento fundamental da estrutura e desenvolvimento da personalidade.

Como referimos (MOSQUERA, 1976), na terceira parte da obra falamos das afeições, sobre como Espinosa procurou descobrir as leis que regulam os vínculos e as relações existentes entre os diversos afetos com o intuito de sistematizar a doutrina das afeições.

Mas foi na Fenomenologia, no Existencialismo, na Psicologia Humanista e na Neuropsicologia que sentimento e afeição ganham novas contribuições, que aparecem intimamente ligadas ao todo da personalidade.

Por isto, é importante entender o que é sentimento. Assim, afirmamos que a pessoa vive e age numa realidade circundante, o seu meio social e a natureza, onde conhece o mundo que a rodeia, em especial as pessoas e estabelece suas relações sociais. No processo de sua atividade e relação com os outros, desenvolve e experimenta sua afetividade. Em outras palavras, age com os sentimentos e suas cognições ou cognições e sentimentos.

Deste modo, o sentimento é um espelho da realidade na qual se manifesta uma atitude subjetiva do indivíduo, fundamentada em sua atividade fisiológica cerebral, inicialmente é interna, depois no seu comportamento manifesto socialmente.

Entendemos, então, por sentimento, uma reação claramente manifestada ante uma situação determinada. Por exemplo, ao dizermos: sentia ternura, começou a sentir ódio, estava com um sentimento de grande entusiasmo, neste caso a palavra sentimento define uma reação determinada que ocorre pela vivência do indivíduo. Ainda acrescentamos que, por sentimento, podemos entender também uma atitude emocional estável, um estado psíquico que se manifesta por uma tendência peculiar ante um círculo determinado de fenômenos da realidade (rejeição, atração ou orientação).

Educação

Continuaríamos dizendo que, nesta perspectiva, o sentimento designa uma característica peculiar, a pessoa, que aparece mais ou menos estável nas suas reações ante as vivências e apresenta a peculiaridade de atitudes subjetivas, tão importante para ter claro o sentido dos fenômenos que rodeiam sua vida pessoal e social.

Já afirmávamos (MOSQUERA, 1976) que a união entre a vida emocional e a intelectual é algo sumamente importante e chamaríamos a atenção de que o ser humano age como um todo. Hoje temos maior consistência desta afirmativa, porque somos conscientes dessa unidade e complexidade, que conformam o ser humano.

A afetividade está organicamente vinculada ao processo de conhecimento, orientação e atuação do ser humano, no complexo meio social que o rodeia.

A conexão entre os sentimentos e o processo cognitivo propicia à pessoa uma vida de grande sensibilidade, que pode ser cada vez mais apreciada, na medida que cada um desenvolve a sua capacidade afetiva e suas potencialidades diferenciadas.

O que já tínhamos afirmado parece estar intimamente ligado ao que hoje denominamos Psicologia Positiva, o fato mais relevante é que os sentimentos podem elevar cada personalidade a níveis de maior aperfeiçoamento e vitalidade psicológica, sempre quando os fenômenos ambientais possam ser favoráveis para o desenvolvimento apontado.

Nos preocupamos, desde há bastante tempo, com os denominados processos sócio-culturais e cremos que, neste sentido, tem sido extremamente importante a Psicologia Sócio-Histórica, em especial com as obras de Vygotsky e Luria.

Devemos recordar que as constantes necessidades materiais e espirituais que a pessoa tem ao longo de sua vida fazem nascer o desejo, carregado emocionalmente, de satisfazê-las, e que isto dá origem a atividades conscientes e intencionais para conseguir a satisfação de necessidades, como já destacava também Maslow (s. d.).

O diferente caráter dos sentimentos depende de como decorrem estas atividades, na medida que elas são frutíferas ou dependentes dos obstáculos que a pessoa encontra e tenta superar. Conseqüentemente, temos aqui expressado o conteúdo dos sentimentos e das vivências, como um todo propriamente dito.

Parece-nos significativo enfatizar a idéia de que os sentimentos estão intimamente unidos à subjetividade humana e especialmente ligados às funções neurofisiológicas que se processam no cérebro da pessoa.

Educação

A afetividade, expressada pelos sentimentos, reflete as relações das pessoas, e é essencial para a atividade vital no mundo circundante. Pelas modificações dos sentimentos e sua expressão comportamental, podemos analisar a mudança de atitude do ser humano frente às circunstâncias mutáveis ou estáticas de sua vida, em determinados contextos de tempo e espaço.

Por outro lado, a vida afetiva nos propicia pistas para conhecer o tipo de personalidade que desenvolveu e de educação que a pessoa recebeu, em sua existência.

Wukmir (1960) refere que as emoções e os sentimentos são básicos para vida dos seres humanos, enfatizando o sentido que dá ao ser vivo seu valor. Daí porque emoções e sentimentos nascem no foco em que se direciona a orientação vital que cada um recebe e dimensiona, causada pelo que conhecemos por instinto, circunstância e ego.

O potencial afetivo do ser humano é o que o capacita para conhecer as circunstâncias e os fatos do e no mundo.

Jares (2002) salienta a necessidade de aprender a conviver e diz que o objetivo de aprender a conviver faz parte, pelo menos de forma implícita de todo e qualquer processo educativo. Acresce que, historicamente, é ao sistema educativo, juntamente com a família, a que é confiada o ensino, para que haja aprendizagem das normas de convivência elementares para viver em sociedade.

Destaca, também, o relatório da UNESCO sobre a Educação para o século XXI, denominado relatório Delors, que destaca o aprender a viver como um dos quatro pilares em que deve assentar a Educação no novo século.

Jares (2002) destaca que a aprendizagem da convivência não está confinada somente às escolas, pois também se aprende a conviver, de uma ou de outra forma, nos grupos, compostos de pessoas do nosso meio, na família e através dos meios de comunicação. Fundamentalmente e para além destes âmbitos mais próximos da escola, dos alunos e dos professores, também não se pode esquecer um âmbito mais abrangente que tem a ver com os contextos econômicos, sociais e políticos em que estamos inseridos, a cidade, o país, o mundo.

Como contribuição fundamental, Jares chama a atenção de que devemos acabar com os pesos ideológicos que caracterizaram grande parte do pensamento educativo no século XX. Nem a escola é responsável por todos os males que afligem a sociedade, nem ela constitui a tábua de salvação, que nos possa livrar de todos eles. Por outro lado, também não se pode esquecer que os diversos âmbitos de socialização podem (e de fato o fazem), entrarem em conflito. A escola nem sempre se acha preparada e apoiada para enfrentar este conflito.

Educação

Nos últimos tempos, assim como se preconiza uma Psicologia Positiva, também existe a idéia de fontes inspiradoras de uma educação criativa.

Marujo e Neto (2004) chamam a atenção de que tanto falamos hoje de estresse dos professores e dos estudantes, da pressão para o sucesso, das depressões, ansiedades, desmotivações, violência e todas as doenças vividas por aqueles que fazem e utilizam a escola. Ela estaria cheia de *chagas*, a imagem da educação é a de um paciente em busca de tratamento, rodeada por *para-médicos* que a tentam reanimar.

Esta visão da escola e da educação espelha somente o pior. A vêem como moribunda e lhe fazem previsões de curta vida, mas esquecem o essencial: que a escola está viva, de pé. Se, por vezes, se encontra cambaleante, não deixa de continuar a andar, arrastando consigo multidões de todas as idades, e de uma forma ou de outra vai cumprindo sua missão. Esta análise, proposta pelos autores já citados, é muito relevante, porque, na verdade, a escola como inspiradora da educação pode alcançar formas estimulantes como fonte de: saúde, acolhimento, entusiasmo e de prazer, valorização, desenvolver múltiplas inteligências, aprendizagens significativas e fontes de sonhos, de atendimento à diversidade. Ao que estes autores propõem, acrescentaríamos uma visão de uma Educação através da afetividade, que deve estar implícita e explicitamente implicada na transformação dos seres humanos, desde a mais tenra infância, ou seja, do dealbar da sua vida até o crepúsculo da própria existência.

Sabemos que a afetividade rima muito bem com criatividade e devemos nos propor uma vida criativa que nos leve, como dizem Marujo, Neto e Perloiro (2004, p. 91), do pensar ao sentir:

Treine a ser detetive dos próprios pensamentos, identificando aqueles que são saudáveis e os que, por negativos, lhe trazem mal-estar emocional, precisando por isso ser substituídos. Parar os pensamentos nocivos -dizendo para si mesmo que os vai varrer ou apagar como se carregasse numa tecla de computador- e trocá-los por pensamentos bons ajuda-lo-á a sentir-se melhor.

Para encerrar este Referencial, gostaríamos de ainda acrescentar o que Simões e Ralha-Simões (1999, p. 59- 60) nos colocam como possibilidades de melhorar a perspectiva educacional, através de características dos níveis conceituais que atendam as diferenças sociais e ao que se denomina estilo do professores, quando afirmam que:

Educação

Se relacionarmos a adaptabilidade e criatividade verifica-se que é plausível estabelecer como meta incrementar as dimensões pessoais contribuindo para um professor mais apto face às exigências do seu papel profissional.

Poderíamos acrescentar a isto nossas idéias (STOBÄUS e MOSQUERA, apud ENRICONE, 2004) quando dizemos que se tem separado, de maneira arbitrária e criminal, o pensamento do sentimento, a inteligência da capacidade de sentir e viver emoções, os valores das atitudes. Esse separação não foi gratuita, foi realizada através da difusão de um suposto pensamento mais científico, se confundindo de tal forma que dizemos ainda hoje que pensamento científico nada tem que ver com a vida sentimental e afetiva.

Esta denuncia é muito importante se nos apercebemos que uma Educação da afetividade deve partir de uma visão saudável, o mais positiva possível da vida, sem abandonar o sentido de realismo que deveremos de possuir para tornar concretos sonhos, imaginações e fantasias.

Gostaríamos de encerrar com o que Moreno, Sastre, Leal e Busquets (2003, p. 46) destacam:

Nos dizem: a falta de educação da própria vida afetiva e o desconhecimento das formas de interpretação e de respostas adequadas perante as atitudes, condutas e manifestações emotivas das demais pessoas deixa alunos e alunas a mercê do ambiente que os rodeia e no qual abundam modelos de resposta agressiva, descontrola e ineficaz diante dos conflitos interpessoais, que, com frequência, se apresentam em todas as formas de convivência social.

Finalizando esta revisão teórica sobre o tema da afetividade, poderíamos salientar o que inicialmente propusemos: podemos todos ser alunos e professores e também, através da afetividade e dos sentimentos, do sentido social da vida e da aprendizagem de valores, conseguir uma educação mais positiva, capaz de possibilitar um pleno desenvolvimento e, principalmente, de constante auto-desenvolvimento pessoal.

REFERÊNCIAS

- DAMÁSIO, A. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ENRICONE, D. (org.) *Ser Professor*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- GARDNER, H. *Estruturas da mente*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

Educação

Porto Alegre – RS, ano XXIX, n. 1 (58), p. 123 – 133, Jan./Abr. 2006

- JARES, X. R. *Educação e conflito: Guia de educação para a convivência*. Porto: ASA, 2002.
- LEDOUX, J. *El cerebro emocional*. Barcelona: Ariel-Planeta, 1999.
- MASLOW, A. *Introdução à psicologia do ser*. Rio de Janeiro: Eldorado, s.d.
- MARUJO, H. A.; NETO, L. M. *Optimismo e Esperança na Educação: Fontes inspiradoras para uma Escola Criativa*. Lisboa: Presença, 2004.
- MARUJO, H. A.; NETO, L. M.; PERLOIRO, M. F. *Educar para o Optimismo*. 11. ed. Lisboa: Presença, 2004.
- MORAES, M. N. *Educar na biologia do amor e da solidariedade*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MORENO, M.; SASTRE G.; LEAL, A.; BUSQUETS, M. D. *Falemos de Sentimentos: A afetividade como um tema transversal*. São Paulo: Moderna, 2003.
- MOSQUERA, J. J. M. *Tentativa de Caracterização dos Sentimentos dos Professores nos Diferentes Graus de Ensino*. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- NETO, L. M.; AZEVEDO, I. *A nossa vida emocional*. Lisboa: Presença, 2003.
- OLIVEIRA, J. H. B. *Psicologia Positiva*. Porto: ASA, 2004.
- SASTRE, G.; MORENO, M. *Resolução de Conflitos e Aprendizagem Emocional*. São Paulo: Moderna, 2002.
- SERGIOVANNI, T. J. *Novos caminhos para a liderança escola*. Porto: ASA, 2004.
- SIMÕES, C. M.; RALHA-SIMÕES, H. *Contextos de Desenvolvimento e Teorias Psicológicas*. Porto: Porto Editora, 1999.
- WURMIR, V. J. *Psicología de la orientación vital*. Barcelona: Luis Miracle, 1960.